

### Josefes caminha sobre as águas

Ivo Castro  
Universidade de Lisboa

Em dois pontos discordo hoje da edição que fiz do manuscrito lisbonense do *Livro de José de Arimateia*, parcialmente publicado em Castro 1984: na transcrição excessivamente modernizadora e no alvo visado pela crítica do texto, que peca por falta de ambição. Quanto a este segundo ponto, já me expliquei (Castro 2002; esta edição não deveria ser uma interpretativa do único manuscrito completo português e sim uma reconstrutiva do original da tradução portuguesa do séc. XIII, apoiada no maior número possível de testemunhos). Regresso ao tema para o articular com a questão da transcrição e passar ao nível pleno do estabelecimento do texto, em que transcrição e emenda se combinam e harmonizam.

O códice 643 da Livraria da Torre do Tombo foi confeccionado cerca de 1543. A sua transcrição inspirou-se nas “Normas de transcrição para textos medievais portugueses”, do *Boletim de Filologia* (Castro et al.), elaboradas sob a orientação de Luís F. Lindley Cintra com a intenção geral, que na época não parecia ingénua, de tornar os textos antigos mais acessíveis a um público numeroso, constituído por “leitores comuns”. Assim, a minha edição do *José de Arimateia* aproximou-se o mais possível da norma ortográfica moderna e de formatações convencionais de texto (*temese*, quando imperfeito do conjuntivo, era vertido para *temesse*), sem pisar o risco da fidelidade grafemática ao sistema fonológico reconstituível para a época de escrita do manuscrito (meados do séc. XVI), inclusivamente introduzindo dispositivos gráficos ad-hoc, nem modernos nem quinhentistas, para sugerir ao leitor o som que a palavra teria tido na boca do escriba (*temese* era, assim, transcrito como *temê-se* quando correspondia a um perfeito reflexo, na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, sem cair no abuso de *teme[u]-se*). Começava a divulgar-se o gosto por ouvir a música nas suas sonoridades originais, mesmo que os instrumentos fossem cópias modernas.

Até certo ponto, a modernização do texto contava com a cobertura da transcrição diplomática de Carter, ficando o campo bibliográfico razoavelmente satisfeito com duas edições situadas nos extremos opostos do respeito pela estrutura linguística do texto. Mas o espaço que mediava entre elas era vasto e podia, como é minha convicção actual, comportar produtos que conciliassem virtudes de uma e de outra. Quem conheça imagens do cód. 643 sabe que não há lugar, nesta conversa, para um facsimile, já que quase todas as escritas usadas são encadeadas de chancelaria, muito pouco penetráveis.

A minha transcrição neutralizava a variação ortográfica entre estas letras dos numerosos copistas que se alternaram na confecção do manuscrito do *José de Arimateia*, cada um com sua identidade gráfica e com atitudes divergentes no que toca à conservação das lições do exemplar que usaram na cópia. Uma transcrição mais

próxima e reveladora da compartimentação codicológica do manuscrito oferece, portanto, vários benefícios.

Inversamente, a linearidade ininterrupta da transcrição de Carter, vinda do manuscrito, torna extraordinariamente difícil reconhecer a estrutura sintáctica e a alternância de discurso directo e indirecto. São claros os benefícios de uma edição que revele essas estruturas por meio da pontuação e da abertura de parágrafos. E que, no mesmo nível de intervenção, regularize o uso de maiúsculas e minúsculas e a unidade vocabular (embora tanto a justaposição de um vocábulo com os clíticos adjacentes, como a fragmentação de um vocábulo nas sílabas que o constituem, sejam práticas frequentes e individualizadoras de cada copista, que precisam de ser registadas em separado, mas não indispensavelmente dentro do texto).

Em outro aspecto era conveniente ir além de Carter. O seu apartado denominado “Paleographical notes” (383-400) precisava de ser superado: constituem-no decifrações hipotéticas que no exame directo do manuscrito resultam claríssimas e se devem, porventura, à má qualidade das fotografias que utilizou; propostas de interpretação de formas enigmáticas, ou nem isso; correcções que uma edição não-paleográfica facilmente incorpora no texto crítico; finalmente, descrições de acidentes de escrita (cancelamentos, lacunas, entrelinhas, etc.), únicas com real interesse.

Ponderados todos estes dados, inclino-me hoje para uma edição conservadora, que não perca de vista que há leitores a servir, mas os identifique como leitores exigentes e que não gostam de ser tratados com condescendência. No campo bibliográfico, caberá ainda, e então de modo mais justificado, uma edição normalizada.

Na edição que agora exemplifico através do episódio da travessia milagrosa do canal da Mancha pelos cristãos da companhia de Josefes, que caminhou sobre as águas transportando-os na aba da sua camisa (que ocupa quase todo o cap. XCI, fols. 212r-15v), adopto as seguintes principais convenções:

A) são conservadas por princípio as características da escrita do texto.

B) são introduzidas as seguintes alterações sistemáticas:

1. criados períodos e parágrafos, de acordo com uma interpretação da estrutura da sintaxe e do discurso; identificadas as tiradas de discurso directo por parágrafo iniciado por travessão (ocasionalmente, no interior de parágrafo, por aspas);
2. introduzida pontuação;
3. regularizado o vocábulo gráfico, através da ligação e separação de segmentos; do uso de hífen e apóstrofe; e da distribuição de maiúsculas e minúsculas;
4. reservados os grafemas <v> e <j> para valores consonânticos e os grafemas <u> e <i> para valores vocálicos ou semivocálicos;
5. desenvolvidas as abreviaturas por meio de itálico, com excepção de algumas formas muito frequentes, em que a extensão do desenvolvimento não é marcada: *que, Deos, Senhor, Jesu Cristo*, etc.;
6. introduzida acentuação apenas para prevenir ambiguidade homográfica (*chegárão*), se o contexto não bastar para identificar o tempo perfeito.

C) as intervenções editoriais são contidas entre parênteses rectos.

D) as notas de rodapé (numéricas) descrevem particularidades do suporte e da escrita; as notas alfabéticas dão a colação dos testemunhos e anotações textuais.

**Cap. XCI**  
**Do que aconteceu a Josep e a seu filho Josefes**  
**depois que se partiram de Sarrat**  
**e como pasaram o mar sem barca**

[...] E Josep aquela noute jouve com suua molher e ouve hum *filho* que se chamou Galaz, que depois foy tão bom omem e tão bom cavaleiro d'armas [212v] que bem devemos falar em seus feitos âte os alltos omês e amte outros, pera que os maos<sup>1</sup> se sofrão de seus maos feitos e malldades e os bos, que tẽ hordem de cavalaria,<sup>A</sup> se corregão e se mamtenhaão bem com Deos.<sup>B</sup> Depois que ysto dise a voz a Josep, ele e<sup>2</sup> Josefes he toda suua companhia hyaão cada dia diamte o Samto Vazo, amte que comesem, fazer suas orações que Noso Senhor hos levase a terra que lhe prometera. Tamto amdárão asym ate que chegáráo ao mar. E esto foy a hum sabado hao serão.

E quoamdo hy chegárão nem hachárão nao<sup>3</sup> nem outra barqua allgũa ã que da houtra parte pudesem pasar. E forão muy trystes, que teverão duvida de ficarem ali domde estavão. E começárão de chorar e pidir a Noso Senhor merçe que lhes acorrese aquela trysteza, que numca tão myster lhes fora suua ajuda<sup>C</sup> des que sairão de suas terras; êtaão forão ha Josefes, seu bispo, e choramdo lhe diseraão:

– Senhor, que faremos pera pasaremos,<sup>D</sup> que no mar nom ha nao<sup>5</sup> nem gale que da outra parte nos pase? Por Deos, dezede-nos se pasaremos ou se fi-[213r]caremos, ou se he esta a terra que nos Deos prometeo a nos e a nosos yrdeiros, aquela omde avemos de acabar nosas vidas em serviço de Noso Sennhor.

Quoamdo Josefes ysto ouvyo, teve em seu coração gram dor, porque herão fora de suas terras e leixárão suas riquezas, e mais o mais deles herão seus parentes; êtão dise:

– Amigos e boas donas, ão vos descomfortedes muyto ata que ão vejades por que. Eu vos diguo<sup>E</sup> que aquele que nos aquuy trouxe nos levará alem, se sua vôtade for de la yremos.<sup>D</sup> Mas eu vos digo que nom vos levará todos la e dir-vos-ei porquê. Quoamdo vos partistes de vosas terras e leixastes o viço do mumdo por servirdes Jesu Cristo, vos lhe prometestes que ho servyriades como filhos devem servyr a padre, tamto quer ysto dezer como quee vos guoardariades dali adiamte de pecar, como quer que hate li tinhês feito. E ele vos prometeo que vos daria quoamto vosos corações soubesem cuydar<sup>F</sup> e que vos livraria de quoamtos vos quizesem mall fazer. E o que ele vos prometeo o teve muy bem, que numca depois lhe pidistes cousa que vos ele nom dese. E muytas vezes de muitos primçipes da terra fostes presos e ele vos livrou. Asym vos teve ele [213v] suua promessa,<sup>G</sup> mas vos tivestes muy mall o que lhe prometestes, porque amtrada da Momtanha das Atalayas, quoamdo ele com vosquoou falou, cada hum de vos lhe prometeo castidade e quee todos vos teriês limpamemte ate que vos ele mandase que chegaseis a vosas molheres. Esta promessa lhe fizestes vos e sabede-lo

---

<sup>1</sup> mãos *passim*

<sup>2</sup> ele e <so> Josefes

<sup>3</sup> ão *passim*

muy bem. Ora houllhay como a compristes, que os mais de vos caystes ã luxuria ma e lixosa e os outros sam ja fryos de fazer bem.<sup>H</sup> Mas os que verdadeiramente sempre tiverão suuas vomtades e seus corações ã Jesu Cristo e sam aynda quemtes e feruemtes do foguuo do Esprito São e da quemtura da caridade, asy como herão no começo,<sup>I</sup> e que guoardárão seus corpos limpamemte e tiverão castidade como prometerão, estes pasarão sem barquua e sem nao. E o mar hos sofrerá, porque nõ ha neles peso de pecado nem de malldade. Estes pasarão porque suua fee os pasará alem, e ha gram limpeza que tiverão. E os que asy se nõ guoardárão e vivêrão em pecado, averão naos e gales e segir-nos-hão. E sabedes por que Noso Senhor quer que vos nõ apartedes [214r] de nós? É porque em nenhũa maneira ele quuer a morte do pecador, mas quer que viva *pera* quue venha a carreira da verdade. Esto vos ei dito *pera* conheçerdes voso pecado e, quoamdo quer que for manyfesto este erro que fizestes comtra voso Deos, nom vos dezespereis, pois que amtes o fizestes.

Quoamdo *aqueles* que se sentião cullpados naqueles herros de que os acusava Josefes ysto ouviraão, fizeram-se afora e começarão hum taão grande pramto que numca homem vyo mayor, e chamavam-se cativos mallhavêturados. E seryam quatroçemtos e sasemta.<sup>J</sup> E os outros que nom herão ã esta cullpa chegarão-se a Josefes e fimcarão os joelhos diamte dele e diserão:

– Senhor, como pode ser que nos pasemos?

Ele lhe disse:

– Ysto mereçedes vós muy çedo.<sup>K</sup>

E estes seriaão çemto e çimquoemta por todos, e herão os parêntes de Josefes.

Aquela noute hera mamsa e crara e o mar mamso e chaão e sem tempestade e a lua muy clara e fazia muy bom tempo. Ysto hera em Abryll, hũm sabado, hum dia amte da resurreição de Jesu Cristo, que era bespora de Pascoa. E Josefes v[e]yo a seu padre e beijou<sup>L</sup> e dise-lhe:

– Padre, segide-me.

E depois beijou os houtros que a cabo dele estavam hum a hum e dise-lhes como dezia a seu padre. [214v] E foy *pera* entrar no mar, mas huũa voz lhe dise:

– Josefes, nom emtres! Nom emtres hy asym, mas mete os que guoardã<sup>M</sup> o vazo e depois despe a tua camiza e dize a teu padre que ponha os peis sobre a aba dela. E depois chama os outros que beijaste e fação asym. E, se eles tiverão o que prometerão ao Sallvador, poderão estar sobre a aba da camiza e bem os tera todos. Mas aqueles que nom guoardárão sua promessa nõ poderão nela estar e a estes lhes serão necessarias naos e gales. E vós pasaredes este mar amte que seja dia.

Asy como a voz mamdou asy o fez Josefes, que ele chamou os que guoardavão o Samto Vazo e fez-lhes emtrar no mar e dise-lhes:

– Yde seguros, que ha vertude daqueste priçioso vazo vos guoardará e giará.

E eles se metêrão loguuo no mar sem pavor e sem duvida e começarão yr por sima dele, asym como se fora terra cham. E levárão comsyguuo o Samto Vazo que chamão o Samto Gryall. Quoãdo Josefes vyo que [eles] ja ã tall maneira tomárão seu caminho,<sup>N</sup> espio a sua camiza e vistio outros panos e dise a seu padre que pusese os

peis sobre a aba daquela camiza. E Josefes estava ja sobre ho mar [215r] e estemdera a camiza sobre a agooa asym como sobre a terra. E seu padre se pos sobre a camiza. E chamou hum seu parente quee avya nome Br[on],<sup>O</sup> que era casado com huã suua filha, de que tinha doze filhos gramdes e fremosos, e metê-se demtro na camiza como Josepe fizera. Depois chamou Josefes todos hos outrôs çemto e çimquoêta huus depos hos outros e fe-los êtrar hum e hum n'aba da camiza. E a camiza se estemdeo por o prazer de Deos, que todos os hy acolheo afora sos doũus, que não herão taes como devyão. E hum era padre do outro e o pay se chamava Symion e o filho Mois.<sup>P</sup> Quoamdo aqueles dous quyzerão entrar na aba, ligeiramente forão ao fumdo asy como pedaços de chumbo. E Josefes, que bem nos conheçia, quoamdo os vyo asym afumdar disse:

– Mall fizestes, que [n]os asym emganastes. Bem parece quoamta fe em vos ha.<sup>Q</sup>

E os que se forão ao fumdo com pavor da morte nadarão ate terra.<sup>4</sup> E os outros que ficarão os forão hajudar a tirar.

Josefes, que diamte hya, começou de tirar por as mamgas da camiza por syma da agooa e eles se êcomemdarão todos a Noso Senhor e me-[215v]terão sua esperança nele. E acomteçê-lhes asy que, amte que fose dia, forão na Gram Bretanha e virão que a terra hera toda povoada de paganos.<sup>R</sup>

No estabelecimento deste texto, foram usados os seguintes testemunhos:

L	212r-15v	Lisboa, IAN/TT, Livraria, cód. 643
R	69a-70a	Rennes, Bibl. Municipale, 2427
P	88d-89d	<i>L'Hystoire du Sainct Greaal</i> , Paris, 1516, ofic. de Jehan Petit, Galliot du Pré e Michel le Noir
So.	209-12	Sommer (o ms. base é Londres, BL Add. 10292)
A		Londres, BL. Royal 19.C.xii (ms. secundário de Sommer)
Pon.	649-58	Ponceau (R é o ms. base do vol. II)

#### *Variantes e comentários*

<sup>A</sup> L: que tẽ hordem de cavalaria | P88d: qui aiment cheualerie | R69a(Pon. 649): qui aient l'ordre de chevalerie | So. 209: qui tienent lordre de cheualerie

Lição singular de P. Esperar-se-ia que isto acontecesse mais vezes, mas um dos pontos interessantes deste exercício é verificar como uma edição parisiense do séc. XVI, tardia, costuma coincidir com uma tradução portuguesa contra secções da tradição ms. francesa. Este é um exemplo raro, que talvez se explique por meio de R: *aient* > *aiment*.

<sup>B</sup> L: se mamtenhaão bem com Deos | P88d: vers dieu et le siecle. | R(Pon. 649): vers deu et vers le siecle. | So. 209: enuers dieu & enuers le siecle.

<sup>4</sup> com pavor da morte danarão digo nadarão ate terra (*autocorreção do copista de L*)

Lição singular de L. A omissão de *siecle* (mundo) poderá não ser inocente.

<sup>C</sup> L: que numca tão myster lhes fora suua ajuda | P88d: car a present en estoyt plus grant mestier | R69b: car il en estoit ore le greignor besoig (Pon.651 *emenda para* car il en avoient) | A(So.209): car il en auoient ore greignor mestier

Coincidência típica LPR (*fora myster / estoyt mestier*) contra o resto da tradição (*auoient mestier*). Ponceau, atraído pela lição mais comum, emenda R e oculta o facto relevante.

<sup>D</sup> L: pasaremos, yremos.

Não confundir com o futuro do indicativo; trata-se do infinitivo pessoal, com a particularidade de conservar a vogal postónica da penúltima sílaba, que depois desapareceria por síncope (Nunes 302; Williams 164, 2; Piel 44-45): *passáremos* > *passarmos*, *íremos* > *irmos*. Segundo esta explicação, estaríamos perante formas verbais arcaicas, porventura representativas do estado linguístico da tradução do séc. XIII. No entanto, Clarinda Maia (757-58) regista formas deste tipo em documentos galegos medievais, mas não nos seus contemporâneos portugueses; regista-as também, em Portugal, em textos da segunda metade do séc. XVI (Pantaleão de Aveiro e no ms. Lorvão 32 da *Regra de S. Bento*), ou seja, quase contemporâneos do ms. de Lisboa do *José de Arimateia*. E, sem tomar partido, avança uma segunda explicação, paragógica, para a vogal postónica. Ficamos assim perante um dilema: ou se trata de um arcaísmo da tradução original, que escapou às cópias subsequentes, ou de uma novidade introduzida pelos copistas renascentistas.

<sup>E</sup> L: ata que nõ vejades por que. Eu vos diguo | P89a: sans scauoir pourquoy. ie vous dy | R(Pon. 652): devant que vos sachiez por coi. Je vos di | So. 209: deuant che que vous saues le porcoi. Ie uous di

Na minha transcrição inicial, tinha: “ata que nom vejades, porque eu vos digo...” Mas todos os testemunhos franceses mostram, com pontuação explícita, que a sintaxe é outra e com isso me conformo. A rendição de *savoir* por *ver* tem interesse para a tradução portuguesa.

<sup>F</sup> L: soubesem cuydar | P89a = R(Pon. 652), A(So) penseroyent | So. demanderoit

O acordo LPR (*cuidar / penser*) conta aqui com a participação do ms. secundário de Sommer, A.

<sup>G</sup> L: suua promessa | P ses promesses | R(Pon.652): vostre pramesse | A(So) sa promesse | So. 210: vos promesses

LPA, mas não R.

<sup>H</sup> L: os outros sam ja fryos de fazer bem. *Lacuna de L, que P completa assim*: les aultres sont si refroidez de bien faire que plusieurs se repentent de ce quoncques partirent de leurs pays. Ainsi sont entachez les ungz de luxure les aultres de repentement de ce quilz ont faict et ont ia oste leurs cueurs de ce quilz ont faict et du bon propos ou ilz estoyent. *R(Pon. 652) e So. 210 coincidem com P.*

<sup>I</sup> L: asy como herão no começo | P *tem redacção diferente* | R69c(Pon.653): come il estoient acostume. | So.210: com sil eussent fet acostumeement | A(So) come il

estoient al commencement (*assim também alguns testemunhos cits. por Ponceau: BL Add 32125 (B para Sommer), Le Mans 354, BN 770*)

<sup>J</sup> L: quatroçentos e sasetna | P89b: quatre vingtz ou soixante | Pon. 654: qatre cenx et soisante | So. 210: IIIJ.<sup>C</sup> & lx.

<sup>K</sup> L: Ysto mereçedes vós muy çedo | P89b: et il leur dist que ce verroyent ilz prochainement (*R concorda*) | A(So) & cil respont que ce sauront il prochainement

Aparentemente, lição privativa de L.

<sup>L</sup> L: Josefes vyo a seu padre e beijoou | P89b: Et iosephus vint a son pere et le baise | R69e(Pon. 655) : vient a son pere, si le baise | So. uint a son pere si le baise

Bom exemplo de como o texto de L pode ser melhorado com segurança: todos os testemunhos recomendam a emenda *vyo* > *v[e]yo*. Além disso, todos confirmam que na complicada grafia *beijoou* se oculta o pronome pessoal átono: *beijou-o*. É característico do ms. L este clítico ser absorvido pelo ditongo antecedente, na 3.<sup>a</sup> p. singular do pretérito perfeito, tanto gráfica como fonicamente. Uma edição com as características da que apresento aceita a emenda de *vyo*, mas não o desenvolvimento de *beijoou*, que terá de ser explicado em separado.

<sup>M</sup> L: mete os que guoardã | P89b: metz deuant toy (*R concorda*) | So. 211 : met deuant cels qui

Ligeira lacuna de L, que ficará assim.

<sup>N</sup> L: vyo que hera Ja ã tall maneira tomarão seu caminho | P89c: vid quilz estoyent ainsi encheminez | R(Pon.656): vit qu'il s'estoient si acheminez en tel maniere | So.211: uoit quil sont achemine en tel maniere

Não poderá ficar assim a lição de L, dificilmente compreensível. Basta emendar *hera* > *eles*, para a frase ficar conforme à tradição.

<sup>O</sup> L: Bru, mas Brou em 262r *passim* | PRA(So): Dro, mas Pon. 656 *corrige para Bron*. Ponceau (II, 624) comenta a passagem nos seguintes termos: “Tous les mss de la version longue (à l’exception du ms. BN 1427, fol. 189r, qui remanie le texte courant et qui porte *Bron*), ainsi que ceux de la vers. courte, portent ici *Dro*, ou *Dron*, personnage dont il n’est plus question dans la suite du roman. C’est probablement une erreur qui remonte à l’archétype de tous nos mss, car il s’agit vraisemblablement de *Bron*, qui est ici présenté pour la première fois au lecteur et qui réapparaît ensuite au début du §766 comme un personnage connu, et au début du §772, où il précise lui-même qu’il a 12 fils.” Sendo assim, Ponceau corrige para *Bron* o que, pelos vistos, era um erro unânime de todos os mss. franceses, incluindo Rennes, sua fonte principal. Tudo isto dá relevo à lição de L, que se mostra muito mais próxima de *Bron*: neste passo, em que o nome aparece pela primeira vez, apresentado como genro de José de Arimateia, é *Bru*, mas a partir do fol. 262r é *Brou*, onde se reconhece sem qualquer dificuldade a lição correcta. É lícito, pois, emendar o texto português, em todos os lugares, para *Bron*. E é oportuno perguntar como terá o original



francês da tradução peninsular obtido a sua lição, mais perfeita que a do «arquetipo» admitido por Ponceau.

<sup>P</sup> L : hum era padre do outro e o pay se chamava Symion e o filho Mois | P89c: le pere fut nomme symeu et le filz moye | R69f (Pon.657): fu li peres apelez Symeu, et li filz Moys

Ao contrário de LPR, muitos mss. omitem o nome de Mois neste passo, mencionando apenas o pai. O banho forçado não é a única punição de Mois (ou Moisés). Mais tarde (caps. CIII-CIV), tenta ocupar o assento vago da Távola Redonda, a “silha perigosa” que estava reservada para Galaz, e é severamente castigado por isso. Sete mãos de fogo arrastam-no para um lugar de cativo, onde ficará muitas gerações. O pai, Symion, também passa por dificuldades.

O parentesco entre ambos tem interesse crítico. A *Queste* Vulgata não sabe que Mois é filho de Symion, mas a *Queste* Post-Vulgata sabe-o e fala de uns cavaleiros que “andarom tanto que chegarom a ùa abadia u jazia Simeu, o padre de Mois, no fogo na claustra da capela u jouvera ja naquela coita des tempo de Joseph Abaramathia atee entom assi como a estoria o ha ja devisado” (*Demanda Piel & Nunes*, cap. CCCLXIV). Daqui extrai Bogdanow a seguinte conclusão: “The fact that the *Estoire* and the Post-Vulgate *Queste* both make Moïs the son of Simeu is thus proof that the Post-Vulgate *Queste* knew and exploited the *Estoire* independently” (Bogdanow 161).

Não só: o facto de LR e P conhecerem o parentesco, mas os outros mss. da *Estoire* não, sugere a possibilidade de se estabelecer distinção, dentro da tradição da *Estoire*, entre testemunhos mais ou menos chegados à Post-Vulgata.

<sup>Q</sup> L : Mall fizestes, que vos asym emganastes. Bem parece quoamta fe em vos ha. | P89c: Vous fistes mal pour ce que nous cuydez decepuoir. Or appert bient vostre follie. | R(Pon. 657) : Mal faisiez qui nos alez decevant ! Ore apert il bien combien de foi il a en vos ! (*So. coincide com R*)

Segundo os testemunhos franceses, Josefes não acusa Symion e Mois de se enganarem a si mesmos, como está em L, mas de tentarem enganar os seus companheiros de viagem. Por isso foram impedidos de subir para a aba da camisa. Impõe-se, portanto, a emenda *vos > nos*.

<sup>R</sup> L : a terra hera toda povoada de paganos. | P89d, R70a(Pon. 658), So. 212 : peuple de sarrazins et de payens.

Lição privativa de L, ou da tradução peninsular?

## Bibliografia citada

- Bogdanow, Fanni. *The Romance of the Grail*. Manchester: Manchester University Press, 1966.
- Carter, Henry Hare. *The Portuguese Book of Joseph of Arimathea*. Paleographical Edition. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1967.
- Castro, Ivo. 'Livro de José de Arimateia (Estudo e Edição do COD. ANTT 643).' Dissertação de Doutoramento Inédita. Universidade de Lisboa, 1984.
- . "Sobre a edição do *Livro de José de Arimateia*." Eds. L. Curado Neves, M. Madureira, & T. Amado eds. *Matéria de Bretanha em Portugal*. Lisboa: Colibri, 2002. 59-68.
- Castro, Ivo, Maria Helena Lopes de Castro, Isabel Vilares Cepeda, & Virgílio Madureira. "Normas de transcrição para textos medievais portugueses." *Boletim de Filologia* 22 (1973): 417-25.
- Maia, Clarinda Azevedo. *História do Galego-Português*. Coimbra: INIC, 1986.
- Nunes, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. Lisboa: Clássica, 1975.
- Piel, Joseph-M. "A flexão verbal do português (Estudo de morfologia histórica)." *Biblos* 20 (1945): 359-404.
- Piel, Joseph-M., & Irene F. Nunes. *Demanda do Santo Graal*. Lisboa: IN-CM, 1988.
- Ponceau, Jean-Paul, ed. *L'Estoire del Saint Graal*. 2 vols. Paris: Champion, 1997.
- Sommer, H. Oskar. *The Vulgate Version of the Arthurian Romances*. Vol. I. Washington: Carnegie, 1909 [Repr. N. York: AMS Press, 1969].
- Williams, Edwin. *Do Latim ao Português*. Rio de Janeiro: INL, 1975.